

Gilberto (Miranda), senador e empresário

‘O Senado é uma confraria’

BRASÍLIA — Aos 46 anos, divorciado, com duas filhas e um patrimônio responsável por um faturamento anual de US\$ 500 milhões, o senador e empresário Gilberto Miranda considera o Senado uma confraria. Amigo do ex-presidente do PMDB Orestes Quércia, ele conquistou em seis meses de mandato espaço na cúpula do partido.

O GLOBO — O senhor chegou aqui há pouco tempo, sem tradição política, e já conseguiu um espaço nas reuniões de cúpula que nenhum outro senador obteve. A que o senhor atribui isso?

GILBERTO MIRANDA — Assumi no dia 31 de dezembro de 92 e participei ativamente da composição da Mesa e da escolha do líder do partido. Fiz uma série de pronunciamentos, fui o primeiro a me posicionar contra o IPMF. Isso aqui é meio uma confraria. O político nunca fala o que pensa. Como eu falo o que penso e sempre me mostrei disposto a aprender, procuro todos, converso com todos, eles passaram a me tratar com carinho. Me receberam muito bem. E eu tenho trabalhado bastante. Minha mola política é o trabalho

O GLOBO — Mas o senhor tem muitos amigos influentes no PMDB...

MIRANDA — Convivi com o Quércia cinco anos. Quem me apresentou a ele foi o meu irmão Egberto. O Quércia, em 82, queria ser o governador do estado e meu irmão emprestou meu escritório para ele montar o QG da campanha, mas ele perdeu na convenção para o Franco Montoro. Aprendi muito com ele em termos de ritmo político-empresarial. É isso que o PMDB precisa. Ele precisa mudar de cara ou vai acabar como caudatário do PT. O PT sobrevive hoje sem cargos e tenta formar uma elite na classe trabalhadora. Tem assessorias competentes que preparam os mais diversos estudos sobre o país. Os partidos que não tiverem essa preocupação terão dificuldades no futuro.

O GLOBO — Alguns parlamentares já consideram o senhor como o novo Quércia do PMDB, dada a sua capacidade de articulação e ao acúmulo de capital, em tão pouco tempo. A que o senhor atribui essa avaliação?

MIRANDA — (risos) Quanto à capacidade de articulação política, isso não é mérito meu. O momento é muito sério e exige uma postura diferente dos políticos. O PMDB não pode ficar preocupado com carguinho aqui e ali, presidência lá e diretoria ali. Temos que pensar maior. Senão, vamos passar pelo fiasco que doutor Ulysses passou em 89, quando com todo o seu nome, chegou em quinto lugar na eleição presidencial. Se os 21 senadores que se submeterão ao julgamento popular em 94 não se unirem, tentarem revigorar o partido e o partido deixar de ser uma banca de negócios para ser o verdadeiro MDB histórico, eles não vão chegar a lugar algum. É essa a mensagem que eu tenho tentado passar. Tenho feito reuniões com senadores, procurado governadores. Enfim, tentado aprender e utilizando a minha experiência empresarial para tentar ajudar no que eu puder.

O GLOBO — E quanto à capacidade de conquistar uma for-

tuna? Alguns dizem que o senhor enriqueceu da noite para o dia...

MIRANDA — Não é verdade. Eu cheguei a Manaus há 19 anos. Sou filho de tintureiro analfabeto. Minha mãe tem só o primeiro ano primário. Eu comecei a trabalhar aos seis anos de idade. Fiz de tudo um pouco, fui empacotador, estive em Brasília, fui professor de educação física e assessor da CFP, estudei direito em São Paulo, fui para o Rio, estudei engenharia econômica. Quando todo mundo trabalha oito horas por dia, eu sempre trabalhei 18. Durmo três horas por noite e com comprimidos. Devo o meu sucesso à capacidade de trabalho.

O GLOBO — Qual o seu patrimônio hoje?

MIRANDA — Se eu disser, me transformo em seqüestrável. No ano passado, tivemos um faturamento de US\$ 500 milhões.

